

Dr. Mark Jennings, Mark, Aula 21, Marcos 14:1-25, A Paixão, a Unção e a Última Ceia

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings e seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 21, Marcos 14:1-25, A Paixão, Unção e Última Ceia.

Olá novamente, e bem-vindos de volta, pois estamos começando a chegar ao fim do Evangelho de Marcos.

Vamos dar uma olhada hoje, começando com Marcos capítulo 14. Marcos capítulo 14 é o capítulo mais longo de Marcos. Claro, visões de capítulo são algo que foi criado mais tarde.

Mas com Marcos 14 e Marcos 15, chegamos ao que agora é conhecido como a Paixão de Jesus, sua traição, sua prisão, seu julgamento e sua crucificação. Uma das coisas que descobrimos é que a narrativa da Paixão em Marcos 14 e Marcos 15 é bem fixa em termos do que vemos também em Mateus e Lucas. E não é surpreendente, porque sabemos que a crucificação de Jesus está no cerne da proclamação da igreja primitiva.

Paulo, por exemplo, proclamará que prega Cristo e este crucificado. A crucificação é a peça central. E então, não é surpreendente que talvez até mesmo na tradição oral antes dos Evangelhos serem escritos a narrativa da Paixão de Cristo se tornasse uma peça fixa.

Uma das coisas que também veremos, no entanto, é como os temas de Marcos e os assuntos de Marcos nos quais ele tem trabalhado também estão vindo à tona aqui em sua apresentação da Paixão. Veremos agora como as previsões que Jesus tem dado ao longo do Evangelho de Marcos se tornaram realidade, especificamente como ele será entregue nas mãos dos homens. Uma das coisas que veremos também é a crucificação, que, a propósito, a crucificação de Jesus é talvez um dos fatos mais estabelecidos na história antiga.

Há pouca dúvida histórica de que um homem chamado Jesus foi crucificado, julgado por Pôncio Pilatos e morreu na cruz romana neste período. Mas veremos, por exemplo, em Marcos 14, como Jesus é simultaneamente alguém que tem autoridade enquanto está indo para a morte, que aquele que traz o reino de Deus também é abandonado. Um dos arcos de Marcos 14 é a verdade de que quando você golpeia o pastor, as ovelhas serão dispersas.

Mas em tudo isso, é claro, está o desenrolar do grande plano de Deus. Marcos, em sua descrição da Paixão, deixa claro que nenhum desses eventos está fora do controle de Deus. Nenhum desses eventos é um acidente ou uma ocorrência infeliz na vida de Jesus.

Então, vamos começar olhando para Marcos 14 e para os versículos 1-11. Com os versículos 1-11, temos novamente um desses sanduíches de Marcos, essas intercalações onde você tem duas histórias meio que colocando uma história do meio entre parênteses. Aqui, temos a descrição do desejo do líder religioso de matar Jesus.

Na verdade, o próprio papel de Judas começa a tomar forma. No meio desses dois, temos essa bela imagem de uma mulher sem nome em Marcos unguendo Jesus, quebrando um jarro de alabastro cheio de perfume caro sobre ele. Então, você obtém esse contraste na maneira como Marcos o estruturou em Marcos 14, versículos 1-11, entre a postura dos líderes religiosos, e até mesmo Judas, com a devoção, o amor e o afeto completos dessa mulher.

Então, vamos dar uma olhada, como tem sido nosso costume enquanto andamos por Marcos, vamos dar uma olhada nesses versículos e então discutir o que Marcos está nos dizendo aqui. Então, Marcos 14 versículos 1-11. Eram agora dois dias antes da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos, e os principais sacerdotes e os escribas estavam procurando como prendê-lo furtivamente e matá-lo.

Pois eles disseram: Não durante a festa, para que não haja tumulto do povo. E estando ele em Betânia, na casa de Simão, o leproso, estando ele reclinado à mesa, veio uma mulher com um vaso de alabastro com unguento de nardo puro, muito caro, e quebrou o vaso e derramou-o sobre sua cabeça. Alguns disseram a si mesmos indignados: Por que o unguento foi desperdiçado assim? Pois o unguento poderia ter sido vendido por mais de trezentos denários e dado aos pobres.

E eles a repreenderam. Mas Jesus disse: Deixai-a. E ela disse: Por que a incomodais? Ela fez uma coisa boa para mim.

Pois sempre tendes os pobres convosco, e sempre que quiserdes, podeis fazer-lhes o bem. Mas a mim nem sempre me tereis. Ela fez o que pôde.

Ela ungiu meu corpo de antemão para o sepultamento. E em verdade vos digo que, onde quer que o evangelho for proclamado, em todo o mundo, o que ela fez será contado em memória dela. Então Judas Iscariotes, que era um dos doze, foi ter com os principais sacerdotes, a fim de entregá-lo a eles.

E quando ouviram isso, alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele buscava uma oportunidade para o entregar." Olhamos para isso, começamos, e vemos com

os versículos um a dois, e obtemos algumas informações de carimbo de tempo também que nos ajudam aqui. Então estamos, como o versículo um nos diz, estamos dois dias antes da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos.

Agora, interessante o suficiente, as referências de dois dias são um pouco difíceis de definir por causa da maneira como o tempo funcionaria, isso poderia ser; essa ideia de dois dias poderia ser meio que simultânea. Em outras palavras, poderia significar no segundo dia, ou poderia significar dois dias depois. E então tentar definir isso se for terça ou quarta-feira, em vez disso, torna-se um pouco problemático.

Mas talvez possamos definir isso um pouco mais. A Páscoa judaica, é claro, era um festival onde o povo judeu se lembrava corporativamente dos eventos do Êxodo, os eventos que estavam saindo do Egito, especificamente a praga final onde o anjo da morte na décima praga passou sobre as casas dos hebreus que tinham manchado o sangue, que tinham colocado o sangue sobre ou em suas ombreiras, o sangue do Cordeiro. E então, essa referência à Páscoa é um momento em que o povo se reunia e se lembrava corporativamente disso como um dos grandes festivais, como um dos grandes momentos da prática de sua fé.

Agora, a Páscoa em si, no entanto, é interessante. A linguagem da Páscoa poderia se referir ao dia da Páscoa, à refeição da Páscoa e a todo o festival da Páscoa. Há um pouco de fluidez em como esse termo poderia ser usado.

E eu acho que isso realmente contribui um pouco para algumas das discrepâncias em tentar determinar a data dos eventos que estão ocorrendo na Semana Santa, especialmente na relação entre os Sinóticos e o Evangelho de João, onde quando o Evangelho de João se refere a, você sabe, preparação para o Sábado ou a Páscoa, bem, quando esse dia ocorre, esse dia de preparação é determinado de alguma forma em como a Páscoa está sendo entendida. Está sendo entendida em referência ao dia específico ou ao Sábado da Páscoa da qual eles estão fazendo preparação? Há alguma fluidez, eu acho, que reconhecemos nisso. Mas o festival dos Pães Asmos começou com a Páscoa e continua por sete dias.

Agora, o festival dos Pães Asmos, do qual a Páscoa faz parte, também faz parte dessa lembrança. Lembrança de quando Israel foi forçado a sair muito rapidamente do Egito e só conseguiu levar os Pães Asmos com eles. E então, durante esse festival, eles se lembram desse período de tempo em que removeram o fermento de suas casas, e eles só comem Pães Asmos.

E eu coloco isso porque precisamos lembrar que, como todos esses eventos estão se desenrolando com a Paixão de Cristo, eles estão se desenrolando no contexto da Páscoa. Eles estão se desenrolando no contexto do grande ato de salvação de Deus no Antigo Testamento, quando ele tirou os israelitas e o povo hebreu da escravidão. E aquele grande ato de estabelecê-los como seu povo e fazer uma aliança com eles.

Isso nos ajuda a entender um pouco do significado do que Jesus dirá mais tarde. Agora, a Páscoa ocorreu no décimo quinto dia do mês judaico de Nisan, aproximadamente abril-maio em termos do nosso calendário. E então os cordeiros da Páscoa são sacrificados no décimo quarto dia.

Agora, novamente, no calendário judaico, o dia começava à noite, e o dia da noite começava à noite. E então, quando olhamos para isso, o que estamos olhando aqui é provavelmente a Última Ceia, que estamos chegando, e falarei mais sobre isso em um segundo, sendo uma refeição de Páscoa com a Páscoa começando em uma quinta-feira à noite. Então, esse evento em particular, essa quebra do vaso de alabastro, é em uma terça ou quarta-feira, pois meio que entra nessa cronologia.

Agora vemos algumas coisas também que estão disponíveis aqui nestes primeiros versos, coisas que não nos surpreendem. Uma é que os principais sacerdotes e escribas estão tentando prendê-lo furtivamente. Eles já tiveram desde Marcos 3 a ideia de tentar conspirar contra Jesus e matá-lo.

Nós temos rastreado isso por toda a coisa de Mark. E agora, é claro, o que é evidente é que eles querem ver se há uma maneira de fazer isso privadamente, em outras palavras, não em público. A preocupação é que se eles fizerem isso em público, pode gerar um tumulto.

Isso era parte da preocupação que eles tinham quando Jesus estava falando no templo, por exemplo, quando ele os estava repreendendo, contando a parábola dos inquilinos contra eles, e amaldiçoando o templo profeticamente com suas ações. Então, isso define o cenário desse desejo de prendê-lo em segredo, que é o que Judas finalmente fornecerá a eles: esta oportunidade. Mas nos dois primeiros versículos, Marcos então imediatamente muda para nos contar sobre o que está acontecendo com Jesus em Betânia.

Então, ele está em Betânia, que é para onde ele tem ido todas as noites. Ele vai para Jerusalém, e então ele vai deixar Jerusalém e passar a noite em Betânia. Não é surpreendente que, lembre-se, Jerusalém durante os festivais pode se tornar duas vezes maior, talvez até três vezes maior que a população da cidade.

Então, você teria esses peregrinos chegando, e a cidade aumentaria de tamanho, e eles frequentemente, é claro, encontrariam hospedagem fora da cidade de Jerusalém. Isso não seria incomum. E sabemos disso porque ele estava hospedado em Betânia, que fica no lado oriental do Monte das Oliveiras, e aqui nos é dito que ele está na casa de Simão, o leproso.

Agora, eu acho que podemos presumir aqui que esta é uma pessoa que não tem mais lepra per se, não tem mais lepra, mas teve lepra. Eu acho que essa é a ideia. E

então, você tem até mesmo neste momento, este homem Simão, o leproso, você tem uma sutil sugestão de cura.

Que há alguém que agora está hospedando, agora está mostrando hospitalidade quando antes, como um leproso, tudo o que ele podia fazer era ser evitado por causa de sua doença. E nós já falamos sobre lepra antes. Então, eu acho interessante onde Jesus está hospedado.

Agora, Marcos não nos diz quem é essa mulher, essa mulher que entrou com um frasco de alabastro com unguento de nardo puro. Agora, muito provavelmente, esse é o mesmo evento que João está descrevendo em João 12, 1-8. E João nos diz que é Maria, a irmã de Lázaro, que é Maria e Marta.

Então, nós temos o nome. E é isso que frequentemente veremos, essa interação entre o Evangelho de Marcos e o Evangelho de João. Onde muito do que Marcos descreve parece ser assumido e compreendido em João.

João fornece nomes para pessoas sobre as quais Marcos permanece em silêncio, e é por isso que muitos acreditam que João está realmente ciente de Marcos ou conhece Marcos e está deixando claras algumas das coisas que podem ter sido silenciadas no Evangelho de Marcos. Mas ao não mencionar o nome da mulher, Marcos sinaliza que o foco está no ato, o ato de devoção que essa mulher faz. E o que ela faz é pegar um frasco de alabastro, o que por si só é importante.

Um frasco de alabastro não é um recipiente barato, mas é algo que é usado para os perfumes e óleos mais preciosos. E então ela quebra o frasco. Observe que ela não apenas despeja, ela o quebra.

E eu acho que o estresse aqui é que ao quebrá-lo, ele garante que tudo o que estava dentro dele, todo esse unguento caro foi derramado. Nada foi deixado para trás. E, claro, Marcos nos diz que isso foi extremamente custoso.

De fato, no versículo 5, ele poderia ter sido vendido por mais de 300 denários. E 300 denários seriam aproximadamente o salário anual de um trabalhador diarista. Então, pense em um trabalhador diarista e toda a renda de um ano inteiro estando neste vaso de alabastro e sendo derramada sobre Jesus.

Agora, o ato de derramar uma pomada ou óleo ou perfume na cabeça de alguém pode acontecer em vários contextos diferentes. Sabemos pelo Antigo Testamento que era frequentemente usado quando um rei ou um sacerdote era empossado ou instalado. Era parte da cerimônia que podia acontecer lá.

É possível, também, que haja uma qualidade messiânica associada a isso. Embora eu não ache que seja isso o que está acontecendo aqui. Não acho que seja um gesto messiânico da parte da mulher.

Porque aquele, quando Marcos descreve o ato, não a interpretação de Jesus do ato, mas quando Marcos descreve o ato, ele não usa o termo unção, o que seria de se esperar. E mesmo assim, não é perfume que é usado nesses contextos, é óleo que é usado. Também, poderia ser derramar perfume, derramar uma pomada é um sinal de devoção e um sinal de hospitalidade.

E isso provavelmente está mais alinhado com o que a mulher está fazendo, está mostrando essa linda expressão de devoção. Agora, o próprio Jesus vai conectar isso com o sepultamento e falaremos sobre isso em um segundo. Mas não acho que a mulher esteja conectando isso com o sepultamento de Jesus, mas apenas mostrando um lindo ato.

E, claro, você tem essa repreensão dessa mulher. Você sabe, há alguns que disseram a si mesmos indignados, é a tradução aqui. Este termo é indignado; este é o mesmo termo usado quando Jesus fica indignado com a recusa dos discípulos em trazer crianças para ele.

Ou quando os discípulos, eles estão indignados com o que Tiago e João estavam fazendo, eles estavam tentando se tornar as pessoas mais importantes no reino de Jesus. Então, isso não é um tipo de descontentamento menor; essas pessoas estão indignadas que essa mulher faria isso, e eles estão repreendendo-a. Eles a repreenderam, é o que esta tradução diz.

Até mesmo a maneira como o grego se apresenta ali, é essa ideia de uma bronca contínua, que eles estão realmente indo atrás dela. Porque eles disseram, certo, que isso poderia ter sido dado aos pobres. E eu acho que o contexto da Páscoa faz sentido. Por que eles diriam isso? Dar esmolas era um dos atos de obediência que era esperado pelo povo judeu, especialmente na Páscoa.

Isso era algo que seria feito habitualmente na noite da Páscoa. E então, você pode entender, também, por que eles veem dessa forma. E também, o próprio Jesus, como sabemos por todo o Evangelho de Marcos, tem se posicionado pelos desprivilegiados, tem repreendido os líderes religiosos por como eles têm ignorado os pobres, e ignorado as viúvas, e ignorado os desamparados.

E então até mesmo o próprio ensinamento de Jesus pode ter contribuído para o motivo de eles estarem chateados aqui. No entanto, Jesus responde de forma diferente. Sua declaração, ele defende esta mulher, deixe-a em paz, por que você a incomoda? Ela fez uma coisa linda para mim.

E então a declaração de Jesus em 14:7 sempre foi interessante de se tentar entender. Ele diz, então vocês sempre terão os pobres com vocês, e quando quiserem, vocês podem fazer o bem a eles, mas vocês nem sempre terão a mim. Curiosamente, as palavras de Jesus no começo sobre como os pobres vocês sempre têm com vocês, e vocês sempre podem fazer o bem a eles, não é muito diferente de Deuteronômio 15:11, onde Moisés disse que sempre haverá pobres na terra, portanto, sejam generosos com eles.

E então, as palavras de Jesus são muito similares à declaração sobre a presença contínua dos pobres, e mesmo aqui, essa presença contínua dos pobres significa que sempre há uma oportunidade de fazer o que é o desígnio de Deus, que é servir aos pobres. Então, não acho que precisamos ler essa declaração como uma espécie de Jesus dispensando os pobres, ou mesmo uma declaração que diria, bem, se você tem algum dinheiro e tem que escolher entre dar à igreja e dar aos pobres, você deve dar à igreja. Não acho que esse seja o princípio dessa declaração, especialmente porque a própria igreja deveria estar defendendo os pobres e ajudando aqueles que não têm poder.

Mas eu acho que o que ele está trazendo é isso, está enfatizando que este é um momento muito único e que exige a atenção certa para ele, que o próprio Jesus, a resposta certa para Jesus é devoção total, de dar generosamente, se você quiser, para o que Deus está fazendo, e honrar Jesus aqui. É difícil não ver paralelos com o que Jesus disse quando falou sobre os discípulos não jejuarem, e como as coisas são diferentes quando você está na presença de Jesus, e que eles não deveriam estar jejuando de manhã, mas isso viria depois. Há algo sobre sua presença onde o foco certo também está na devoção para com Jesus.

Vejo uma conexão muito interessante também com o que Jesus disse sobre a viúva que deu tudo o que tinha no templo, em contraste com os líderes religiosos que só deram do que tinham em excesso ou sobras. Que Jesus estava afirmando o que essa viúva estava fazendo, e dando tudo o que tinha para a obra de Deus no templo. Aqui, o que a mulher sem nome está fazendo com o vaso de alabastro é semelhante, dando grande e generosamente para a obra de Deus.

Mas ele pega o que essa mulher faz, e ele reinterpreta isso. Ele reinterpreta isso no significado do momento, no significado de sua morte vindoura. Ele diz, mas você não me terá para sempre.

Haverá um tempo em que o noivo irá embora. Ela fez o que pôde. Ela ungiu meu corpo de antemão para o enterro.

Observe que Jesus está associando o que ela fez aqui, não com uma inauguração de rei messiânico, não com uma instalação. Na verdade, acho que seria melhor olhar

para o batismo como aquele momento de instalação. Se você se lembra, tivemos referências aos Salmos davídicos e à instalação do rei ali.

Ele está conectando isso, não messianicamente, se você preferir, nesse sentido, mas com sua morte. Isso traz a ideia de preparar um corpo para o enterro. Você também tem nisso uma previsão de paixão em miniatura, se preferir, que aqui está Jesus novamente prevendo que ele morrerá.

E então, antes de terminarmos os versículos 1-11, Jesus declara, em verdade vos digo que, onde quer que o evangelho for proclamado, em todo o mundo, o que ela fez será contado em memória dela. Nesta declaração, há um triplo elemento profético aqui. Um é que o evangelho será proclamado para o mundo inteiro.

Há uma missão messiânica, um evangelho para as nações que é sugerido aqui, que chegará um tempo em que o evangelho será proclamado. Dois, que o que ela fez será contado. Três, que será contado em memória dela.

E acho muito interessante que agora, bem na segunda década do século XXI, em um continente distante, em uma língua diferente da que Jesus falava, estamos fazendo exatamente isso. Estamos mostrando o cumprimento das palavras de Jesus porque nos lembramos do que ela fez, e fazemos isso em memória dela. E então há um elemento profético lindo aqui, eu acho, também, onde os líderes religiosos são aqueles que aquela cultura teria tido em alta consideração e teria tido em alta honra.

Não uma mulher, muito menos uma mulher sem nome no evangelho de Marcos, uma mulher que aparentemente desperdiçou um frasco de unguento de acordo com aqueles que estão ao redor. No entanto, é essa pessoa que estamos lembrando e a quem estamos dando honra. E estamos dando honra por causa das palavras de Jesus de que faríamos isso.

E então, depois dessa bela imagem de devoção, essa imagem de devoção que será rara e distante de agora em diante até chegarmos ao fim da paixão de alguém que se entrega e se mantém totalmente por Jesus, esse destaque entra, é claro, em um contexto sombrio com os versículos 10 e 11. Então Judas Iscariotes, que era um dos doze, foi até os principais sacerdotes para traí-los. E quando eles ouviram isso, ficaram felizes e prometeram dar-lhe dinheiro.

E ele buscou uma oportunidade para traí-lo. E então temos aqui em Marcos, e Marcos é um pouco menos direto com as razões exatas para a traição de Judas, mas sabemos que conectado com esse momento, pelo menos no evangelho de Marcos, torna-se mais claramente conectado com ele no resto do evangelho, que Judas vai e permite e concorda em encontrar essa oportunidade, a oportunidade para eles prenderem Jesus em particular. É isso que eles estão buscando.

E você percebe aqui que um dos doze recebe dinheiro para trair Judas Iscariotes. E Judas faz essa mulher não identificada despejar um ano de salário em amor e devoção. E o momento se torna ainda mais pungente.

O dinheiro é claramente parte do acordo entre Judas e os líderes religiosos aqui. Sabe, Marcos é interessante. A história completa do evangelho nos conta mais sobre a motivação de Judas ou as razões de Judas.

A ganância entra em jogo. A inspiração, direção e habitação de Satanás entram em jogo. Foi argumentado que Judas traiu Jesus porque depois do templo, quando ele se recusou a intervir como um líder político, mas foi embora, talvez como um fanático, Judas ficou desiludido de que Jesus não faria uma revolta militar.

Outros sugeriram que Judas estava simplesmente tentando forçar a mão de Jesus, que talvez se ele pudesse mexer o pote o suficiente, Jesus faria o que Judas queria que ele fizesse. É já no segundo século no evangelho, o evangelho gnóstico de Tomé. Você tem no evangelho gnóstico de Tomé essa especulação de que Judas entendeu que Jesus precisava de alguma forma ser libertado do corpo mortal em que estava para realizar esta obra.

E então, sob as ordens de Jesus, Judas concorda em fazer a traição. Acho que precisamos deixar claro aqui, no entanto, que mesmo que Marcos não dê nenhuma razão ou razão específica para Judas fazer o que fez, certamente não é algo que é apresentado em qualquer luz positiva ou algo que é apresentado mesmo em uma explicação racional. Judas não é desculpado em Marcos.

Na verdade, veremos Judas ser julgado por isso. Não podemos perder de vista o aviso que Jesus deu anteriormente no evangelho de Marcos aos discípulos para tomarem cuidado com o fermento, os fariseus, para tomarem cuidado com o quão próximos os discípulos estavam e o quanto mais próximos eles estavam dos oponentes religiosos de Jesus que estavam buscando matá-lo. Que a compreensão ou incompreensão dos discípulos sobre quem Jesus é e por que ele veio os colocou em uma trajetória que tornou a traição possível.

Os avisos de Jesus, é claro, agora vemos que eram verdadeiros e necessários. E então, Judas começou a procurar um tempo e um lugar. Marcos 14 então se move novamente nos versículos 12:31 para agora uma discussão sobre a Última Ceia.

Temos aqui, é claro, outro sanduíche solto, se preferir, de Markin, não um apertado. Temos a Última Ceia nos versículos 22-25, e ela está imprensada entre a traição de Judas e a negação dos discípulos, e temos aqui os temas da rejeição em jogo. Antes dessa discussão, temos uma narrativa introdutória em 12-16 que é a preparação da refeição da Páscoa que define o cenário para a Última Ceia.

Eu acho que a Última Ceia deve ser vista dentro da ideia da refeição da Páscoa. Há várias referências a ela que você encontrará aqui. Em outras palavras, todos os eventos de Marcos 14:17 a 15:47, eu acho, estão acontecendo em 15 de Nisan; isso seria às 18h de quinta a sexta-feira à noite também.

Quando olhamos para este evento, sua escrita e representação, vemos que é um evento muito interessante. Acho que entender a Última Ceia é uma refeição de Páscoa e os elementos simbólicos da refeição de Páscoa estão agora sendo reinterpretados ou talvez apontados em associação com o grande ato de Deus no Egito. Então, quero olhar para dentro, enquanto configuramos esta passagem, quero que comecemos a ver alguns dos elementos que são muito semelhantes à refeição de Páscoa, incluindo o fato de que eles fazem isso em Jerusalém, o que teria sido apropriado durante este período de tempo, o fato de que há um hino que é cantado, o que seria esperado no final de uma refeição de Páscoa, e até mesmo os elementos e os momentos interpretativos dos elementos.

Agora, para sermos sinceros, não temos uma descrição completa da refeição da Páscoa aqui. Não temos menção de ervas amargas; não temos menção de pasta, que era para lembrá-los dos tijolos que eles fizeram; não temos menção da tigela de água salgada ou mesmo de comer o cordeiro. Não temos talvez nem mesmo o cronograma típico apresentado que você esperaria com o menor ou o mais jovem perguntando por que esta noite é diferente de qualquer outra noite.

Não temos o anfitrião ou o mais alto recontando os eventos da Páscoa, estes estão ausentes. Temos o pão, e temos o cálice, mas não temos a tigela de água salgada e as lágrimas e o Mar Vermelho, as ervas amargas e a amargura do cativo. Os quatro cálices de vinho, que fazem parte da refeição da Páscoa, pelas quatro promessas do Êxodo, eu trarei, eu entregarei, eu redimirei, eu tomarei.

Não temos nem mesmo o salmo específico mencionado e provavelmente teria sido um dos Salmos 114 a 118, os Salmos de Hallel após beber o quarto cálice. Então, há muita coisa que é realmente deixada de fora em termos disso, e eu acho que em parte é porque o foco não está simplesmente em que Jesus e os discípulos tiveram uma refeição de Páscoa, mas nos novos elementos específicos ou na nova mudança que Jesus dá. Então, com isso, vamos começar a olhar um pouco, começando com os preparativos da Última Ceia aqui.

E no primeiro dia dos pães ázimos, este é o versículo 12, quando sacrificaram o cordeiro da Páscoa, seus discípulos lhe disseram: Onde queres que vamos e preparemos para comer a Páscoa? E ele enviou dois de seus discípulos e disse-lhes: vão à cidade, um homem carregando um cântaro de água irá ao seu encontro, sigam-no, e onde quer que ele entre, digam ao dono da casa, o mestre diz: onde está meu quarto de hóspedes onde eu possa comer a Páscoa com meus discípulos? E ele vos mostrará um cenáculo muito grande, mobiliado e pronto, preparem-nos. E os

discípulos partiram e foram à cidade e encontraram tudo exatamente como ele lhes havia dito, e prepararam a Páscoa. É interessante quando você olha para esses versículos, há uma semelhança impressionante, eu acho, com a primeira parte do capítulo 11, versículos 1 a 6, onde Jesus dá instruções muito específicas de como ir e adquirir o culto que ele irá montar.

E aqui, também há essas instruções muito específicas. Então, eles entram, ele diz a eles para irem para a cidade, então isso provavelmente foi proferido em Betânia, e instruções sobre que ele quer ter sua Páscoa em Jerusalém. E eu acho muito interessante que observe que ele diz a eles para irem para a cidade e um homem carregando um jarro de água irá encontrá-los.

A cena então é que há alguém lá que foi instruído, como eu li, a procurar os discípulos para entrar. Há um pré-arranjo que já está ocorrendo. Jesus não diz a eles para irem à cidade e encontrarem um homem carregando uma jarra de água e perguntarem a ele.

Ele diz que um homem carregando um jarro de água irá encontrá-lo; siga-o. E onde quer que ele entre, diga ao dono da casa, o professor diz, onde fica meu quarto de hóspedes? De certa forma parece um manto e uma adaga. E talvez, de fato, fosse.

Talvez por causa do conhecimento de que há aqueles que estão tentando encontrar Jesus, Jesus colocou em movimento um sistema de onde isso vai ser retratado. Eu não acho que precisamos tirar isso da tensão que está nesse padrão, nessa ideia. E então eles vão, e encontram o cenáculo, e ele se prepara.

E os discípulos, versículo 16, partiram e foram à cidade e encontraram tudo como ele lhes havia dito e prepararam a Páscoa. E quando era tarde, agora quando a Páscoa tinha começado, ele veio aos doze. Enquanto eles estavam reclinados à mesa à noite, no versículo 18, Jesus disse, em verdade vos digo, um de vocês me trairá, aquele que está comendo comigo.

Eles começaram a ficar tristes e a dizer-lhe um após o outro: Sou eu? Ele disse-lhes: É um dos doze, um que está a molhar o pão no prato comigo. Pois o filho do homem vai, que está escrito sobre ele, mas ai daquele homem por quem o filho do homem é traído! Teria sido melhor para esse homem se ele não tivesse nascido.

E enquanto comiam, ele tomou o pão. Antes mesmo de começarmos a falar sobre a Última Ceia, observe aqui o que ele está dizendo sobre a traição. Primeiro de tudo, neste cenário, este cenário íntimo da Páscoa, um tempo que é definido para a lembrança e para a unidade, um momento em que o povo judeu se lembraria de que eles eram um, que eles foram reunidos, que Deus os havia libertado e os havia estabelecido como um povo e estavam em aliança.

É nesse cenário de unidade que Jesus anuncia que há alguém que trairia. E todos eles estão muito perturbados e tristes por isso. E eles dizem um após o outro, sou eu? E realmente o sentido de como a linguagem lá está no grego não é realmente, sou eu? Mas é mais, não sou eu, é? Onde a expectativa é que Jesus diria não.

Eles não estão realmente se perguntando se são eles. Eles estão assumindo que não são eles, ou pelo menos estão retratando dessa forma. E então Jesus, é claro, deixa bem claro dizendo que é um de vocês.

Na verdade, é um de vocês que está aqui comigo esta noite e está até molhando pão comigo. E então no versículo 21 Jesus lembra a isso que sua traição não é algo que seja uma surpresa, mas na verdade é um destino que tem esperado o Filho do Homem. Ele tem previsto que ele seria entregue, que ele seria entregue a mãos humanas.

E agora ele está deixando claro que todo esse processo começará por alguém que é um de seu próprio grupo, um dos doze. Claro, Isaías 53, Zacarias 13, Salmo 41 e Daniel 9 também contribuíram para isso. E então ele dá uma condenação dupla ao traidor.

Não há nenhuma tentativa, como eu disse, de exonerar Judas. Embora o ato intencional esteja com a soberania de Deus, o julgamento do ato ainda permanece. E a declaração de ai eu acho muito sombria porque tipicamente ai era dada a um grupo, a um povo, a um país.

Você veria na literatura profética ai dos inimigos de Israel, ou ai daqueles que se opõem a Deus, ou ai de seus líderes. Mas aqui, esse ai profético, esse ai do julgamento, é dado a uma única pessoa, e é dado àquele que trai com a declaração esclarecedora de que teria sido melhor se ele nem tivesse nascido. Acho que é uma das declarações mais terríveis da Bíblia.

Então, acho interessante que haja tentativas de exonerar Judas que resistiram ao teste do tempo, ou de desculpar Judas quando o próprio Judas claramente o julga por isso. Então, enquanto comiam, ele tomou o pão, e depois de abençoá-lo, partiu-o e deu a eles, e disse: Tomai, isto é o meu corpo. E ele tomou um cálice, e nós demos graças, ele deu a eles, e todos beberam dele.

E ele disse a eles: Este é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos. Há uma bênção, há uma distribuição, há uma palavra sobre o pão. Há uma Ação de Graças, há uma distribuição, e há um beber do cálice comum.

Há uma palavra interpretativa sobre o cálice. Em outras palavras, Jesus está redesenhando, se você quiser, o simbolismo agora associado ao pão e ao cálice. E esta configuração nesta Última Ceia, ele está tomando o momento da Páscoa em que

o povo de Deus se lembrou do grande ato de salvação que aconteceu na narrativa do Êxodo.

Aqui, Jesus está agora tomando este momento e dizendo este pão e este sangue e está agora reconstitucionalizando, se você quiser, a grande refeição comunitária do povo de Deus. O grande ato de salvação na narrativa do Êxodo está na verdade apontando para o ato de salvação que está disponível em Jesus. A ironia aqui, ou talvez não a ironia, o espanto é talvez melhor, que o pão e o cálice que eram símbolos do que Deus fez na narrativa do Êxodo, agora a própria narrativa do Êxodo se torna um símbolo do que Deus está prestes a fazer em Jesus e em sua morte e na cruz.

E então, esse apontar aqui, agora essa ideia de que isso é meu corpo, eu não acho que seja, então falando sobre sangue, eu não acho que deveríamos impor aqui uma dualidade cartesiana. Se isso é meu corpo está realmente em paralelo com isso é meu sangue. Há um sacrifício, há uma intenção.

A ideia é sobre a pessoa inteira. O pão representa a pessoa inteira. E eu não sei se eu gostaria de pressionar o pão sendo partido e compará-lo com o corpo de Jesus também sendo partido em termos da distribuição do pão e da referência e tudo isso.

Acho que o sentido disso aqui é que esse corpo sendo quebrado é em termos da totalidade, todo o sacrifício que está sendo uma ideia, não necessariamente o rasgar ou rasgar ou quebrar fisicamente. O cálice aqui, que as pessoas especulam que pode ser o terceiro cálice, se preferir, da Páscoa, porque esse é o cálice que todos beberam de um único cálice, é meu sangue, diz Jesus. E acho que a resposta dos discípulos indica que eles entendem o que Jesus está fazendo aqui, não que este seja seu sangue real, porque os doze não têm escrúpulos em bebê-lo, o que seria uma proibição clara no Antigo Testamento entre beber e comer sangue, mas meio que entendem que Jesus está falando sobre sangue nos termos do sangue da aliança e do aspecto sacrificial dele.

De fato, o sangue da aliança provavelmente se refere ao sacrifício que sela a aliança em Êxodo 24 e Zacarias 9, a ideia de que no sangue está a vida de toda criatura. Então, a morte de Jesus é um ato sacrificial que aborda pecados e sela uma aliança. Ele está fazendo ambos os aspectos neste simbolismo.

A morte é uma nova aliança. O Antigo Testamento já foi selado com sangue em Êxodo 24 e Zacarias 9, mas esta é a nova aliança da qual Jeremias 31 falou. E, claro, temos até em Marcos 10 a referência de ser derramado por muitos.

E então, eu acho que então, enquanto olhamos para isso com a Última Ceia, que o grande ato da aliança ainda está sendo lembrado e nós devemos lembrar corporativamente como um povo, assim como Israel deveria lembrar

corporativamente a Páscoa, nós devemos agora lembrar corporativamente o que a Páscoa e o Êxodo apontaram, que era o que está ocorrendo na morte e ressurreição de Jesus. E então, a abstinência de Jesus, ele diz, em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira até aquele dia em que o beberei novo no reino de Deus. E quando eles cantaram um hino, eles saíram para o monte das oliveiras.

A abstinência de Jesus aqui começa depois da refeição da Páscoa, não antes dela. E eu acho que a ênfase em não beber do cálice é essa ideia de quando o banquete será retomado, que ele não irá festejar novamente. Um, o sofrimento, o aspecto do jejum começa, mas eu acho que há uma ideia escatológica aqui também, a ideia de um banquete messiânico do qual Jesus não beberá, não participará do grande banquete messiânico até que tudo isso seja suposto acontecer conosco.

Então, nós viremos, pegaremos o resto de Marcos 14 e começaremos na próxima vez. Mas observe que na peça nós configuramos agora quando Jesus começa seu movimento em direção à cruz, a traição foi colocada em movimento, que temos a morte de Jesus conectada com a grande história de Deus, a grande história de Deus e seu povo, a grande história de Deus como aquele que tira os seus do cativeiro. Pegaremos isso novamente em Marcos 14.

Este é o Dr. Mark Jennings e seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 21, Marcos 14:1-25, A Paixão, Unção e Última Ceia.